

ANÁLISE DE GÊNERO EM *POR QUE NÃO SE CASA, DOUTOR?*

José Elton Dantas Cardoso
Hélio Dias Furtado

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – Currais Novos/RN.

E-mail: eltonkardoso@outlook.com

Resumo: Com a abrangência dos estudos de gêneros tornando-se cada vez maior, o foco de estudo também se expandiu e, aos poucos, tem deixado de ser exclusivamente sobre as causas feministas e outras minorias sexuais, passando também a ter o homem como objeto de estudos no meio acadêmico dentro das pesquisas de gêneros, deslocando-o, assim, de sua posição central e referencial no conjunto das relações sociais. Esses estudos acabaram por revelar que o homem, apesar de quase sempre assumir uma posição de poder em relação aos demais gêneros, nem sempre está em uma situação de conforto. De forma indireta e pioneira, podemos observar que alguns autores já lidavam com essa visão de homem em momentos anteriores aos movimentos sociais dos anos 60. O melhor exemplo desse caso, na literatura potiguar, é o romance *Por que não se casa, Doutor?* do autor currais-novense José Bezerra Gomes, cujo personagem principal sente toda a cobrança que sua sociedade impõe não apenas ao seu estado civil, mas também a outros aspectos de sua vida. Dessa forma, baseado nos pressupostos de estudiosos da área como Albuquerque Júnior, Berenice Bento, entre outros, abordamos esse romance a partir de questões que englobam a masculinidade e o que é esperado dos homens quando chegam à vida adulta, além da sociedade implicitamente moldar a personalidade deles para que se adequem às expectativas.

Palavras-chave: masculinidade, gêneros sexuais, homens, gomes.

INTRODUÇÃO: Nos últimos tempos, os estudos de gêneros têm se tornado cada vez mais abrangentes, sendo que já não é mais possível dizer que seu foco de estudo seja apenas as mulheres e as minorias sexuais. Principalmente devido ao avanço do movimento e dos estudos feministas, aos poucos o homem foi deslocado de sua posição central e referencial no conjunto das relações sociais e, dessa forma, também tornou-se objeto de estudo no meio acadêmico dentro das pesquisas de gêneros. Com essas pesquisas, revelou-se que o homem, embora estando em posição de poder em relação aos outros gêneros, nem sempre está numa situação de conforto.

Estudiosos como Berenice Bento (2012) realizaram pesquisa que mostra a cobrança que a sociedade põe sobre o homem e que o torna escravo de um padrão de comportamento que ele se vê obrigado a seguir para ser considerado um “homem de verdade”. Também estudando a condição do homem seguindo essa linha de cobranças sociais, David Gilmore (1990), dentro de uma visão antropológica, mostra os diversos rituais, em diferentes sociedades, pelas quais os meninos têm que passar a fim de serem aceitos como homens adultos e passarem a assumir responsabilidades como tais em seu contexto social. Gilmore ainda salienta que, embora não formalmente, mesmo em sociedades

modernas e desenvolvidas como a inglesa, ainda pode-se identificar rituais pelas quais os jovens passam a fim de se tornarem homens adultos.

Nesse contexto, ele faz referência ao ritual do *Bar Mitzvah* pela qual um jovem judeu, ainda hoje em dia, ingressa na vida adulta. Ainda se tratando de sociedades econômica e socialmente avançadas, Rupert Wilkinson (1984) mostra como na sociedade norte-americana o conceito de *tough guy*, o cara durão, permeia todas as esferas daquela sociedade, indo do trabalhador menos qualificado até o político que chega à Casa Branca.

Ressaltando o peso do conceito do *tough guy*, Michael Kimmel (2012) mostra como até mesmo a religião cristã foi adaptada para torná-la mais viril e, assim, se adequar aos valores masculinos predominantes na cultura norte-americana. Vindo para mais próximo de nossa realidade, Albuquerque Jr. (2003) mostra como o típico homem nordestino foi modelado de acordo com um perfil de “cabra macho” que o faz apto a enfrentar as dificuldades geográficas e político-sociais típicas da região em que ele nasceu.

Embora abordando a masculinidade de diferentes perspectivas, de uma forma ou de outra, todos esses estudos mencionados acima mostram que, qualquer que seja o meio social que se estude, sempre haverá cobranças que são feitas ao homem adulto. Dele se espera que cumpra com certas obrigações sociais e familiares “próprias” dos homens e siga certos costumes estabelecidos para que seja considerado um homem de verdade. Além disso, alguns traços de personalidade têm que fazer necessariamente parte do comportamento do homem: coragem, determinação e destemor são alguns desses traços mais evidentes. Desnecessário é dizer que a literatura, enquanto produto social de um meio social específico, inevitavelmente reflete como esses valores se concretizam na sociedade na qual ela se originou.

Embora essa abordagem seja na maioria das vezes indireta, há, no entanto, romances que já em seu título refletem essa cobrança que é feita aos homens. Na literatura potiguar, o melhor exemplo disso é o romance *Por que não se casa, doutor?* do autor currais-novense José Bezerra Gomes. Indo além do que sugere o seu título, a leitura atenta desse romance mostrará que a cobrança que recai sobre o seu protagonista não se restringe apenas ao seu estado civil, mas também a outros os aspectos de sua vida.

Dentro de uma perspectiva dos estudos de gênero, o objetivo de nossa pesquisa é um levantamento das obrigações a que Flávio de Oliveira, o personagem central do romance de José Bezerra Gomes *Por que não se casa, Doutor?*, se ver cobrado para que seja considerado um homem de verdade, embora em nenhum momento seja deixado explícito tal afirmação. Usando uma terminologia de McAdams

(2014), podemos dizer que o que será pesquisado serão os marcadores de masculinidade que predominam na sociedade em que o personagem vive e que ele precisa seguir a fim de ser respeitado como um homem de verdade.

METODOLOGIA: Através da leitura dos autores mencionados acima, faremos um estudo teórico sobre a condição do homem na sociedade e as cobranças que se impõe a ele para que seja reconhecido e respeitado como homem de verdade. A partir daí, fazemos uma análise específica do personagem Flávio de Oliveira Filho, protagonista do romance de José Bezerra Gomes, para se levantar as cobranças que lhe são feitas e como ele reage, se adequa ou se rebela a essas cobranças. Com isso, poderemos determinar os valores masculinos predominantes na sociedade em que ele vive.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: O modelo do típico nordestino como conhecemos hoje, dentre as mais variadas versões dos estereótipos que o cercam, começou a se moldado em meados dos anos vinte do século passado. A visão geral que temos dele ainda é a do sujeito que vive no sertão e para o sertão, e quando se fala do homem nordestino, a imagem de um ser rude e ignorante vem imediatamente à tona. Isso ainda ocorre, pois, entre vários fatores, a maneira como o homem nordestino é educado contribui para que essa padronização ainda ocorra, uma vez que desde outrora, há uma gritante distinção entre a forma como os pais criam seus filhos nessa região.

Desde a primeira infância, o universo masculino e o feminino não convergem entre si. Meninos são ensinados e instigados a brincarem “brincadeiras de meninos” e com meninos, enquanto as meninas, desde cedo, são cercadas por outras mulheres e ensinadas a executarem atividades domésticas.

Segundo Cavalcanti *apud* Albuquerque Júnior (2003),

Naquela nossa idade havia uma natural e espontânea separação: menina brincava com bonecas, enquanto nós montávamos em carneiros, empenhávamo-nos em lutas, desafiávamos para quebra-de-braços, fingíamos ciganos. Alguns jogavam pilão, empinavam arraia, fumavam às escondidas cigarros de palha, tão do gosto dos operários da fábrica.

A simples menção ou possibilidade do sexo oposto, na infância, de se inserir no universo de seu divergente é repreendida com grande veemência. E, para que esta separação fosse ainda mais eficaz, os adultos, seja de forma consciente ou inconsciente, recorrem a repreensão psicológica que, tanto nessa fase inicial da vida quanto na vida adulta, só traz malefícios àqueles do gênero masculino, pois, uma dessas formas de repreensão pela qual

passavam era a dos sentimentos. Segundo entendimento predominante na sociedade nordestina, apenas o sexo feminino poderia demonstrar seus sentimentos em público e para o seu semelhante, uma vez que ao externalizar isso, a pessoa está sendo fraca, medíocre, e se colocando em uma posição de extrema vulnerabilidade.

Assim, quando ocorre de um menino vir a chorar em público, por quaisquer que sejam os motivos, o adulto mais próximo diz que “quem chora é mulherzinha”, como se o simples ato de chorar fosse algo vergonhoso. Albuquerque Júnior (2010), acrescenta que “um macho não deixa transparecer publicamente suas emoções e, acima de tudo, não chora, não demonstra franquezas, vacilações, incertezas”.

Focando no universo masculino, as brincadeiras que os meninos são incentivados a brincarem quase sempre estão associadas a um tipo de hierarquização, para que, em determinados grupinhos, fique claro quem é o “macho alfa”. Para isso, boa parte das brincadeiras tem um cunho violento e, mais tarde, com o avançar da idade, sexual – assim, fica claro quem se destaca pela força bruta e virilidade, características de grande almejo à época. Daí surge a tradição de violência e desmandos presentes no sertão. Os homens estão em constantes choques entre si e com aqueles que detêm o poder, tudo isso para provarem que são machos e que, portanto, não aceitam nenhum qualquer tipo de humilhação (ALBUQUERQUE JÚNIOR 2003).

Como desde muito cedo os homens do sertão nordestino são instigados a aflorarem sua masculinidade através da violência, são frequentes as rixas entre si, diante da simples menção de provocação e afronta à sua honra – aqui, a honra do homem era posta em jogo sempre que se sentia desafiado/confrontado, pois “cabra macho” não leva desaforo para casa. Albuquerque Júnior (1999) diz que a violência é neste discurso um componente da sociabilidade no Nordeste, uma característica da própria forma de ser do nordestino e, mais acentuadamente, um dos elementos que comporiam os atributos da masculinidade nessa região.

Além de os adultos incentivarem esse tipo de comportamento nas crianças, a própria cultura da região corrobora e *glamouriza* tais atitudes, pois, desde antigamente, os temas principais da literatura de cordel, bastante popular no Nordeste, tem como seus heróis os homens que cometem verdadeiras atrocidades que são retratadas de uma forma que gere “inspiração” nos pequenos. Da mesma forma, não podemos esquecer que a violência foi uma das principais características dos cangaceiros, sendo que para muitos, eles são os verdadeiros heróis do Nordeste.

Além dessa imposição cultural, os homens, de um modo geral, sentem a necessidade de provarem para os seus pares que são mais machos do que eles, sendo que isso se torna mais exacerbado quando percebem que o seu colega não se encaixa em um padrão masculino reconhecido e aceito pela maioria. Segundo Connell (1987, *apud* BENTO, 2012), esse padrão reconhecido e aceito pela maioria é o que ele define como masculinidade hegemônica, ou seja, nas palavras dela:

Hegemonic masculinity can be defined as the configuration of gender practice which embodies the currently accepted answer to the problem of the legitimacy of patriarchy, which guarantees (or is to guarantee) the dominant position of men and the subordination of women [...]. (CONNELL, 1987, p. 77, *apud* BENTO, 2012).¹

Essa hierarquização da masculinidade não é imposta apenas em relação às mulheres, mas também, para com seus semelhantes. Como mencionado anteriormente, a constante provação de sua masculinidade envolve o repúdio de “desvios de condutas” de outros homens. Pois, sempre que algum homem demonstra traços efeminados, independente de qual seja sua orientação sexual, corre o risco de sofrer grande represália e humilhação daqueles considerados como os verdadeiros homens machos.

Além disso, esse preconceito dentro do mundo masculino também tem uma conotação racial, pois, a supremacia ariana, de certa forma, volta à tona fazendo com que os negros não sejam considerados como homens legítimos por causa da cor de sua pele. Sempre que há desavenças inter-raciais, mesmo que por razões irrisórias, isso é usado para que o homem branco nordestino se sinta superior e mais macho, mesmo que esteja em desvantagem, em relação ao nordestino negro. Como enfatizou Bento (2012), a homofobia e machismo caminham de mãos dadas, além da homofobia está intimamente ligada tanto ao machismo quanto ao racismo. Desta forma, gerando ainda mais homens machistas, homofóbicos e racistas. Isso tudo, pode se encaixar no termo americano heterossexismo, que é a discriminação e a opressão baseadas em uma distinção feita a propósito da orientação sexual que toma como dado que todo mundo é heterossexual, segundo Welzer-Lang.

Seguindo a máxima “a vida imita a arte”, nas histórias que se passam no Nordeste ou que tenham personagens nordestinos, é possível identificar algumas dessas características citadas com grande facilidade. Um exemplo disso, o livro *Por que não se casa, Doutor?*, de autoria de José Bezerra Gomes, foca, como o próprio título sugere, em um dos grandes

¹ A masculinidade hegemônica pode ser definida como uma configuração da prática de gênero que envolve a resposta mais aceita do problema da legitimidade do patriarquismo que garante (ou irá garantir) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres. (Tradução nossa).

objetivos e exigência na vida adulta de um homem, que com os nordestinos não seria diferente: o casamento.

Por consequência, o homem nordestino, em determinada idade, seja por interesse próprio ou por pressão da sociedade, passa a sentir interesse em buscar uma parceira ideal para passar bons anos de sua vida adulta juntos. No âmbito pessoal, isso pode ser entendido como algo natural, pois de acordo com Gikovate (2000), “nossa vontade de aconchego e amor é uma espécie de imaturidade emocional, algo que trouxemos da infância como coisa mal resolvida”.

Ainda dentro da concepção desenvolvida por Gikovate (2000), segundo a qual há dois tipos de homens e dois tipos de mulheres em relação ao matrimônio, o egoísta e o generoso, podemos ver como o típico homem nordestino se encaixaria dentro dessa visão proposta pelo autor.

Na concepção do autor, estes dois tipos, bastante divergentes, idealizam como parceira ideal o seu oposto. Logo, o homem egoísta é a personalização do cabra macho nordestino, tão disseminada até hoje, pois ele é forte, viril, chama a atenção das mulheres e consegue conquistar sem muita relutância aquelas por quem se sentem atraídos. Porém, ele tende a se casar com a mulher que tem uma personalidade oposta à sua, ou seja, uma mulher quieta, recatada e caseira. Já o homem generoso pode ser considerado como aquilo que o egoísta por vezes despreza por ser tão quieto, introspectivo, cheio de inseguranças e baixa autoestima. Por isso, ele tende a se apaixonar e casar com mulheres destemidas, sensuais, empoderadas. Aparentemente, cada tipo procura na sua parceira as características que neles faltam, na esperança de suprirem, internamente, aquilo que não têm.

Em suma, o homem nordestino busca, em praticamente todas as esferas em que circula, impor sua masculinidade, sua brutalidade e virilidade, sua ausência de sentimentos e apatia, pois como menciona Bento (2012), a masculinidade acaba se tornando sinônimo de força, sucesso, capacidade, confiança, domínio e controle, uma vez que essas definições, desenvolvidas pela sociedade brasileira, conservam o poder de alguns homens sobre as mulheres. Isso acarreta em que os estereótipos, que existem desde os primórdios do início do século passado, envolvendo o Nordeste, e, principalmente o homem dessa região, continuem existindo e repercutindo – além de gerar malefícios, não somente a um gênero específico, mas como a toda sociedade nordestina, até o tempo presente.

Análise do romance *Por Que Não Se Casa, Doutor?*

O romance *Por que não se casa, Doutor?* (1944), de autoria do potiguar José Bezerra Gomes, narra a história de um jovem bacharel em direito, recém-formado, tentando lidar com toda a pressão que a sociedade de Minas Gerais impusera, em meados da década de 1940, para que seus jovens rapazes pudessem ser considerados como homens bem-sucedidos, de acordo com o seu nível social e de escolaridade.

Desta forma, o livro começa com o protagonista Flávio se queixando de Dona Eulália, proprietária da pensão familiar na qual ele mora, por ela estar sempre sugerindo que ele se casasse para que sua vida pudesse, finalmente, entrar “nos eixos”. Desta forma, a dona da pensão, sempre que tem oportunidade, tenta fazer com que Flávio se interesse pela sua filha, Angélica, chegando, por vezes, a planejar encontros para ambos. Isso faz com que Flávio ficasse frequentemente irritado, pois, além da intromissão da senhora, ele não sente nenhum interesse amoroso em relação à garota, como podemos ver na seguinte passagem do livro:

Arranjava convites para bailes e festas. Acompanhava os programas cinematográficos. E na hora simulava doença ou ocupação só para que eu lhe levasse a filha:

– Vai, minha filha, com o doutor, para irem se acostumando...

O sangue me vinha às faces. A moça me dava o braço na rua. Os conhecidos me devoravam com olhos ferinos. Via-me casado. Angélica infeliz. Dona Eulália culpada. (GOMES, 1998, p. 76)

Sempre que consegue se esquivar das tentativas com segundas intenções que a mãe articula e se esquia também da filha, bem como do pedido implícito de casamento que envolve as atitudes de ambas, nosso protagonista ganha as ruas e passa suas noites em bordeis da cidade de Belo Horizonte, bebendo o máximo que pode, além de ficar desejando as garotas de programas que ali trabalham, principalmente, a Magda, uma prostituta de origem latina. Entretanto, ele nunca chega a ter atitude de se aproximar de uma das garotas e sair com elas.

Essa sua passividade em relação às mulheres incomoda bastante ao próprio Flávio, pois, ele é um homem no início da vida adulta e espera-se que ele demonstre um interesse maior pela sua vida afetivo-sexual. Fica implícito que Flávio ainda é virgem, o que o faz se sentir bastante inferior em relação aos demais homens. Isso o faz se afundar ainda mais em sua depressão e, conseqüentemente, sua autoestima é muito baixa. Como o próprio personagem deixa claro em meio a seus pensamentos durante o livro: “Sou um homem sem mulher e quando aparece uma na minha vida existência, encolho-me como um caracol, cheio de pânico, incapaz de uma atitude. (GOMES, 1998, p. 185)”.

Esse seu estado de espírito se agrava ainda mais quando Flávio percebe que sua amada Magda o abandona, a pessoa pela qual ele suporta toda a sua rotina diária para, ao chegar a noite, poder vê-la. Sem prévio aviso e despedidas, ela deixa o bordel e se muda para outra cidade. Sentindo-se traído, mesmo sem nunca ter tido nenhum tipo de relação com a prostituta, ele se agrava ainda mais em sua depressão e passa a beber ainda mais e deixa de se cuidar.

O fato de passar suas noites em claro, na farra, acarreta em atrasos frequentes no seu cargo público de amanuense – que ele havia conseguido graças à forte influência que o pai tinha enquanto vivo –, chegando a receber reclamações de seu chefe. Nesses momentos, Flávio sente uma grande revolta interna, uma vez que ele é um doutor, uma pessoa formada em direito e que, claramente, aquele cargo de amanuense é bastante inferior para ele. Esses momentos eram bem repentinos, tendo em vista que essa área de sua vida era bastante complicada. Flávio, aparentemente nunca quis cursar faculdade de direito, tampouco demonstra interesse em seguir carreira, porém, ao ver seus colegas de faculdade seguindo a carreira e ascendendo socialmente se sente ainda mais frustrado. Assim, isso também fere a sua masculinidade e colabora ainda mais com a sua entrega ao alcoolismo.

Por não se sentir feliz em seu emprego e estar totalmente decepcionado com a partida de sua amada prostituta, outro acontecimento acaba favorecendo para que o personagem principal de *Por que não se casa, Doutor?* termine se afastando ainda mais do padrão ideal de masculinidade que a sociedade espera dele: Angélica está com um novo pretendente.

Ao descobrir casualmente que Angélica, “sua” predestinada noiva está com um novo pretendente, um jovem médico, Flávio se sente ainda mais inferior em relação a todos os homens com quem convive. Afinal, ele deixou a sua amada Magda partir sem que ela nunca soubesse de seu amor, e agora está vendo Angélica que inicialmente se interessava por ele, demonstrar agora interesse por outro homem.

Diante do fato de que duas das mulheres que já estiveram na vida dele de alguma forma foram embora, ele tem mais um de seus momentos de sanidade e decide dar um novo rumo à sua vida, abandonando as noites em claro e de bebedeira, a aparência desleixada e as irresponsabilidades no trabalho. Seu propósito é almejar o comportamento social que se exige de um homem em sua classe social. Entretanto, sua determinação dura poucos dias como podemos conferir no seguinte excerto:

Há uma semana que não bebia. Venho atravessando o período mais doloroso da
minha existência
tribulada. Faço protestos e

juramentos. Hipoteco a minha palavra a amigos e colegas:

– Não bebo mais. Vão ver.

[...] Resisto um dia, dois, três, quatro. A vontade aperta e não me domino. Entro no primeiro bar. Tomo um chope, dois, três, quatro, embriago-me novamente. (GOMES, 1998, p. 105)

Pelas suas próprias palavras, é possível sabermos o quão depressivo está Flávio devido a toda a cobrança social que ele sofre: “Tomaram-me Angélica e Magda ganhou o mundo. Ninguém me quer e vivo sem rumo. Sou um bacharel fracassado, vivendo da burocracia.” (GOMES, 1998, p. 129).

Os dias se passam e o protagonista vai vivendo sua habitual vida de boêmio para anestesiar toda a dor e sofrimento que está sentindo e não consegue se livrar de uma forma coerente e sadia – um problema, infelizmente, bastante comum para quem se encontra em um quadro depressivo. Eis que um dia, a pensão em que mora, recebe um casal, oriundos do Rio de Janeiro, Distrito Federal àquela época, que ali viera morar devido à doença que o marido tem, tísica – hoje, conhecida como tuberculose. Por causa dessa doença, passam a chamá-lo de “Tísico”, e sua mulher de “Mulher do Tísico”.

Aos poucos, o jovem bacharel passa a ver beleza que antes não via na Mulher do Tísico, pois, ela, aos poucos passa a demonstrar quais são as suas verdadeiras intenções para com o jovem amanuense. Com muita relutância da parte de Flávio, muita insistência e paciência da parte da Mulher do Tísico e medo do escândalo que tal aventura poderia acarretar, ele finalmente se rende às seduções da carioca. Assim, finalmente, chega o momento em que Flávio se sente “homem de verdade”, se sente pela primeira vez igual a todos aqueles que o cercam, e sua autoestima – pela primeira vez em muitos anos – se eleva e ele passa a sentir uma felicidade sem tamanho ao perder a virgindade. Tal fato pode ser exemplificado na seguinte passagem do livro:

Nunca pensei que os nossos desejos fossem tão desesperados e que tão bom fosse o que uma mulher podia dar a um homem. Cem anos que eu vivesse nunca lhe pagaria o bem que me fez. Ouvi muitos convalescentes dizer que deviam a vida a um médico. A ela fiquei devendo a minha. Saí dali com um desejo de anunciar isso ao mundo inteiro, gritando para todos que não era mais um inválido e um coxo. (GOMES, 1998, p. 186)

A pressão era tamanha que, como podemos ver na citação anterior, o homem que ainda não tivesse dado início à sua vida sexual, principalmente na vida adulta, era considerado como um inválido e um coxo. Independente de alguém ter conhecimento desse fato tão pessoal e íntimo da vida de uma pessoa, a

pressão para seguir um padrão de masculinidade está impregnada internamente em cada ser do sexo masculino, de forma que o fato de ele não se enquadrar, de algum modo, a este padrão gera problemas e danos que são, por vezes, irreversíveis. Flávio é a personificação desses problemas.

Todavia, mesmo tudo ocorrendo bem em sua vida, pois, finalmente consegue uma mulher para si – embora seja um caso extraconjugal –, Flávio, por vezes, inicia discussões com a Mulher do Tísico em meio aos seus encontros sexuais secretos. Estes momentos podem ser facilmente associados aos homens generosos, de acordo com o termo cunhado por Gikovate (2000) como foi abordado na sessão anterior deste artigo.

Com o passar dos dias, chega o momento que o Tísico e sua mulher têm que retornar ao Rio de Janeiro, e, após muitas relutâncias de Flávio para que sua amante não partisse, ele se consola com a promessa dela de escrever para ele assim que chegar à sua cidade. Isso nunca acontece. Flávio chega à conclusão de que o caso que teve com ela nunca passou de uma simples aventura extraconjugal. Pelas atitudes dela, ele conclui que a mesma tinha o hábito de fazer isso com outros rapazes.

Igualmente, todos os problemas pessoais que o nosso protagonista carrega e que durante o caso com a Mulher do Tísico estava em modo “*stand-by*” retornam com força total e ele se afunda ainda mais no álcool. O tempo passa e ele encontra uma mulher, Nila, que está muito mal de saúde, com sífilis e outras doenças. Flávio se propõe a pagar todo o tratamento para ela que, uma vez tendo a saúde recuperada, “retorna” o favor com relações sexuais. Essa situação funciona bem para Flávio durante um tempo, mas chega o momento em que ele percebe que Nila realmente não gosta dele e que está com ele apenas como forma de pagar um débito. Desta forma, ele termina o caso com ela também.

Como de praxe, mais um insucesso em sua vida leva Flávio de volta às noites em bordéis, confusões, e humilhações como, por exemplo, ser preso por brigar bêbado – e tendo seu colega de faculdade vir em sua ajuda. Acrescentando a isso, ele chega a dormir em um banco de uma praça da cidade e, ao acordar, recebe os olhares desaprovadores dos cidadãos. Afinal, um bacharel em direito não deveria se prestar a este tipo de situação.

Flávio se encontra em um quadro de grande desilusão e perde todas as expectativas de sua vida. Ele passa a vender todos os seus pertences pessoais para conseguir dar conta do vício da bebida, além de ter que lidar com os credores dos empréstimos que fez, para conseguir manter o padrão boêmio. Isso pode ser visto na seguinte passagem: “Francamente, desci ao que podia descer. Além de ser um

bacharel fracassado, sou um indivíduo sem caráter. Perdi o escrúpulo completamente. (GOMES, 1998, p. 239)”.

Diante de tudo o que foi exposto até aqui, fica claro o quão prejudicial é toda essa pressão que a sociedade, independente da região, faz para que o homem tenha que seguir todo o manual imposto sobre ele e só então ser considerado um homem de verdade em todas as instâncias e nuances.

José Bezerra Gomes expõe isso em seus livros e, principalmente em *Por que não se casa, Doutor?*, pois o mesmo, sendo oriundo de Currais Novos, uma cidade do interior do Rio Grande do Norte, no Nordeste do país, tem uma clara visão de toda essa cobrança acerca dos padrões de masculinidade que os nordestinos enfrentam. Apesar de a história não ser retratada no Nordeste, seu olhar crítico sobre todo o comportamento e consequências que envolvem o ser “macho” estão representadas no protagonista Flávio, que desenvolve doenças sérias como o alcoolismo e a depressão. Tendo em vista que, em sua concepção, ele não consegue se encaixar nos padrões que a sociedade exige dele, ficando preso (sem conseguir seguir em frente de alguma forma) ao que lhe dizem sobre o que era ter uma vida ideal: uma mulher para se casar e estabilidade profissional. Como está bem elucidado a seguir:

Penso diariamente no casamento e revivo as palavras de dona Eulália. “O senhor precisa é se casar e sossegar, doutor!” Tenho um emprego público, o meu título de bacharel e uma posição definida na sociedade. Só me faltava uma esposa, uma mulher que fosse minha e eu dela. (GOMES, 1998, p. 246)

CONCLUSÃO: Depreende-se, a partir do que foi exposto, que os homens, em particular os da região Nordeste, enfrentam uma pressão maior de sua sociedade a fim de que eles possam se moldar ao padrão de masculinidade que se instaurou nessa sociedade.

Consoante a isso, foi possível distinguir os malefícios que este padrão utópico acarreta aos homens, assim como para toda a sociedade em que ele está inserido, uma vez que a busca para provar a sua masculinidade, acarreta em danos, por vezes irreversíveis na vida de alguns homens.

Como material que melhor representa esta situação pela qual alguns homens passam, foi analisado o livro do autor currais-novense José Bezerra Gomes, *Por que não se casa, Doutor?*. No romance, o personagem principal, Flávio, sente todo o peso que sua sociedade lhe impõe sobre como um “homem de verdade” deve agir e se portar para que seja bem-sucedido e almejado por todos.

Com isso, pudemos identificar todo o processo de autodestruição pelo qual a personagem de Gomes passou em sua jornada em busca do reconhecimento social para que pudesse sentir-se como um verdadeiro “cabra macho”. Além disso, é possível reconhecer que tal imposição social é impossível de se alcançar uma vez que implica

que o ser homem deixe de lado questões que são inerentes à sua humanidade, como a ausência de sentimentos e sujeitar-se a fazer coisas que não condizem com seus interesses e personalidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIO, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FIN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

_____. "Quem é froxo não se mete": violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. *Projeto de História*, São Paulo, v. 1, n. 19, p.173-188, jun-dez. 1999. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10928/8089>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

_____. *Nordestino: uma invenção do falo: uma História do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003. p. 231-254.

_____. "Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças". Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>>. Acesso em: 15 out. 2017.

BENTO, Berenice. Masculinidade hegemônica e outras masculinidades. In: *Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas*. 2. ed. Natal: Edufrn, 2015. Cap. 3. p. 81-102. Disponível em: <[https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/18985/1/Homem não tece a dor - Berenice Bento.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/18985/1/Homem_não_tece_a_dor_-_Berenice_Bento.pdf)>. Acesso em: 25 nov. 2017.

GIKOVATE, Flávio. *Homem: o sexo frágil?* 9. ed. São Paulo: Summus, 2000. Cap. 7. p. 195-229. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=EOIFwYBI2z8C&pg=PA195&lpg=PA195&dq=o+homem+ama,+se+casa+e+é+pai.+com+frequencia+se+divorcia&source=bl&ots=TvryfxXrdZ&sig=A7KqU-C4-pMm9i-4hi_KSYwKdh0&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjIqY6mzcHYAhVhT98KHcKSCrMQ6AEIKDAA#v=onepage&q=o+homem+ama,+se+casa+e+é+pai.+com+frequencia+se+divorcia&f=false>. Acesso em: 05 jan. 2018.

GILMORE, David D. *Manhood in the making: cultural concepts of masculinity*. New Haven: Yale University Press, 1990.

GOMES, José Bezerra. *Por que não se casa, Doutor?* In: *Obras reunidas: romances*. Natal: EDUFRN, 1998. 310 p.

KIMMEL, Michael. *Manhood in America: a cultural history*. New York: Oxford University Press.

WELZER-LANG, Daniel. "A construção do masculino: dominação das mulheres e dominação das mulheres e homofobia." Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2017.

WILKINSON, Rupert. *American Tough: the tough guy tradition and American character*. Westport: Greenwood Press, 1984.